

Mortes poderiam ser evitadas, diz americano

Otavio Magalhães/AE — 8/4/96

Para especialista, tragédia de Caruaru não pode ser atribuída a fatalidade ou acidente ecológico

ANGELA LACERDA

RECIFE — A tragédia da hemodiálise em Caruaru (PE) não pode ser atribuída a uma fatalidade nem a um acidente ecológico. É isso o que garantem os especialistas em microalgas, o professor norte-americano Wayne Carmichael, da Universidade de Ohio, e a bióloga Sandra Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Para os cientistas, a contaminação dos doentes renais durante sessões de hemodiálise no Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR), em fevereiro, poderia ter sido evitada por meio de acompanhamento mais rigoroso da água usada pela clínica e dos mananciais que abastecem as cidades.

Segundo Carmichael, nos Estados Unidos as companhias de abastecimento de água são privadas, mas realizam testes semanais para controlar a quantidade de microalgas, obedecendo a critérios determinados pelo governo norte-americano. Os dois cientistas não apontaram responsáveis pela contaminação, que já levou pelo menos 39 doentes renais à morte. O professor lembrou, porém, que se algo similar ocorresse nos Estados Unidos, "certamente alguém iria pagar muito caro".

Primeira pessoa a levantar a hipótese de que a intoxicação teria ocorrido por meio de microalgas, Sandra Azevedo disse, ainda, que o filtro de carvão ativado do sistema de tratamento de água do IDR estava não somente saturado com a Microcystina LR — toxina produzida por microalgas azuis —, mas também liberava a toxina, contaminando a água de boa qualidade usada em testes. Segundo ela, a saturação contribuiu para a in-



A bióloga Sandra propõe o acompanhamento dos mananciais: 'Esses perigos não podem ser ignorados'

toxicação dos pacientes. "Saturado, o filtro deixa passar a toxina", afirmou.

A bióloga afirmou que existe um grande e generalizado desconhecimento sobre a periculosidade das microalgas azuis, cuja presença nos mananciais é favorecida pela poluição com fertilizantes, dejetos industriais e esgoto doméstico. Ressaltou que a contaminação poderia ter ocorrido em qualquer parte do País, já que as microalgas estão presentes em reservatórios de abasteci-

mento urbano de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Bahia e Minas Gerais, entre outros.

Acompanhamento — "Esses perigos não podem ser ignorados", disse ela. Por isso, no caso de Pernambuco, a bióloga propõe o acompanhamento, durante um ano, do manancial de Caruaru, a fim de determinar o ciclo das microalgas e os períodos de maior povoamento. Só assim se poderá indicar um tratamento adequado da água no Estado.

PARA
TÉCNICO, ÁGUA
DEVERIA TER SIDO
TESTADA

Os especialistas chegaram ontem ao Recife, a convite do governo de Pernambuco, para conhecer de perto o problema. Carmichael assegura ser esse o primeiro relato, no mundo, de intoxicação por microalgas azuis (Microcystina LR) através da corrente sanguínea. Os dois cientistas encontraram-se ontem com técnicos da Secretaria de Saúde e da Companhia de Abastecimento do Estado (Compesa) e visitaram os 55 doentes renais intoxicados no Hospital Barão de Lucena. Hoje vão a Caruaru, a 130 quilômetros do Recife, e amanhã fazem palestra para a comunidade científica local. Depois de amanhã, a bióloga retorna ao Rio e Carmichael a Ohio (EUA).